

VISUALIZAÇÃO DA AÇÃO DE EXTENSÃO

DADOS DA AÇÃO DE EXTENSÃO

Código: PJ027-2026
Título: O conto fantástico durante a ditadura militar brasileira: uma escrita de resistência
Ano: 2026
Período de Realização: 04/02/2026 a 19/12/2026
Tipo: PROJETO
Situação: APROVADO SEM RECURSOS
Município de Realização:
Espaço de Realização:
Abrangência: Regional
Público Alvo: alunos regularmente matriculados no curso de Letras e áreas afins, bem como alunos vinculados à Programas de Pós-graduação.
Unidade Proponente: CAPF - DLE - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS /
Unidade Orçamentária: /
Outras Unidades Envolvidas:
Área Principal: Educação
Área do CNPq: Linguística, Letras e Artes
Fonte de Financiamento: FINANCIAMENTO INTERNO (Edital 12/2025 - Institucionalização 2026.1 / 2026.2 com atribuição de CH - Projetos)
Convênio Funpec: NÃO
Renovação: NÃO
Nº Bolsas Solicitadas: 0
Nº Bolsas Concedidas: 0
Nº Discentes Envolvidos: 3
Faz parte de Programa de Extensão: NÃO
Grupo Permanente de Arte e Cultura: NÃO
Público Estimado: 80 pessoas
Público Real Atendido: Não informado
Tipo de Cadastro: SUBMISSÃO DE NOVA PROPOSTA

Contato

Coordenação: FRANCISCO EDSON GONÇALVES LEITE
E-mail: franciscoedson@uern.br
Telefone:

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

#	Descrição
4	Educação de Qualidade

Detalhes da Ação

Resumo do Produto:

O projeto denominado "O conto fantástico durante a ditadura militar brasileira: uma escrita de resistência" constitui-se como atividade de extensão que pretende proporcionar ao participante uma visão sumária do estatuto do conto fantástico brasileiro no contexto da ditadura militar brasileira (1964-1985), através de uma seleção de obras/escritores significativos na historiografia desse modo ficcional. Nesta linha de pensamento, escritores reconhecidos como mestres do conto brasileiro ocuparão o palco das rodas de leituras, oficinas e formações pretendidas para o desenvolvimento deste projeto. O objetivo é oferecer uma amostra de contos marcados pelo entrecruzamento do real e do irreal que, através de metáforas e alegorias, remetem ao contexto da ditadura militar no Brasil. Serão prestigiados relatos que, ao fazerem uso do discurso fantástico como forma de denunciar a realidade social daquele período, configuram o que Bosi (1996) define como uma escrita de resistência. Esse projeto de extensão configura-se, pois, como difusão e introdução ao assunto, uma vez que se propõe a apresentar um manancial de narrativas insólitas, além de verticalizar a noção de fantástico entre o público-alvo. Para além disso, propõe-se a espelhar o fazer docente no exercício da mediação da leitura, com vista a desenvolver a consciência crítica e política por meio da literatura. **Palavras-Chave:** Literatura, Leitura, Fantástico, Ditadura, Contos. **Justificativa:** Os estudos da linguagem vêm revelando, cada vez com maior ênfase, que não basta apenas ser alfabetizado

para fazer da leitura um ato de crítica, um ato que envolva constatação, reflexão e transformação de significado (Andrade e Henriques, 1999). Para compreender o processo de leitura é necessário desenvolver a competência de ler. Tais expedientes nos levam a pensar nos postulados de Umberto Eco expressos em seu célebre *Lector in fabula* (2012), obra em que o estudioso situa a colaboração do leitor como fundamental para o seu funcionamento. Segundo Eco (2012, p. 37): O texto está entremeadado de espaços brancos, de interstícios a serem preenchidos, e quem os o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou brancos por duas razões. Antes de tudo, porque um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu [...] Em segundo lugar, porque a medida que passa da função didática para a estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa [...] Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar. É notório, no entanto, que os métodos predominantes de leitura são do tipo que cultivam hábitos e atitudes errôneas, pois, por omissão ou desconhecimento, não se prestigia o prazer como elemento fundamental na relação do leitor com o texto. Em instituições de ensino, a leitura só é considerada válida quando sob controle de fichas, tarefas e notas. De modo recorrente, a literatura é utilizada como pretexto para atividades avaliativas, afastando o leitor das múltiplas possibilidades de fruição da leitura, inclusive da compreensão crítica do ato de ler, concebido como “tradução” dos significados das palavras e até do mistério que se oculta “por trás” dela, o que compromete, de forma irreversível, para o desinteresse na leitura. Convém assinalar, no entanto, que é papel das instituições de ensino provocar atitudes positivas em relação à leitura, investindo em metodologias e práticas que partam do princípio de que a leitura deve ser prazerosa, instigante e lúdica. Seguindo essa linha de reflexão, propomos a realização deste projeto, uma ideia oriunda de um percurso de investigação em torno do conto fantástico brasileiro e da prática de sala de aula na graduação, quando constatamos a necessidade de mediar a leitura de obras literárias, instigando a troca de impressões que surgem no ato de ler, a fim de verticalizar o diálogo entre a teoria e a ficção. Em artigo intitulado “A literatura e a formação do homem”, Antonio Candido destaca a função humanizadora da literatura e, a partir disso, sua capacidade de “confirmar a humanidade do homem” (Candido, 1972, p. 803). Para Candido, a força humanizadora da literatura está relacionada ao modo como ela, ao representar uma realidade social e humana, “[...] exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (Candido, 1972, 804). É partir disso que Candido reconhece a literatura como um direito humano: “[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (Candido, 2004, p. 174). Essa imbricação com a vida humana é o que confere à literatura um conhecimento que lhe é específico, potencialmente favorecendo a instrução e a edificação do homem, por meio de uma visão dialética do mundo: “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscria; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante” (Candido, 2004, p. 175). Por que o conto fantástico? No que se refere à escolha pela literatura fantástica, é recorrente o reconhecimento entre estudiosos da área de que essa vertente literária ocupa um lugar marginal no cânone literário. Por sua natureza “desviantes”, as narrativas insólitas atravessam um longo processo de marginalização e desvalorização por se afastar dos temas regionais e realistas prestigiados pela historiografia literária. Júlio França faz um amplo levantamento da tradição gótica em sua *Poética do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920)*, publicado em 2017, situando o apagamento dessa literatura em território brasileiro. O crítico ressalta que, desde o Romantismo, o projeto de construção da identidade brasileira sufocou a literatura afastada da fabulação fantasiosa (França, 2017). Em sintonia com essa realidade, Murilo Garcia Gabrielli (2002) argumenta que a tendência à documentalidade foi um elemento inibidor da liberdade imaginativa assumida pela literatura fantástica. Na visão desse estudioso, “a presença da literatura fantástica entre nós; sua penetração tanto na crítica quanto no grande público tem sido, desde 1947, ano de lançamento de *O Ex-mágico* e outros contos, de Murilo Rubião, de escassez acachapante” (Gabrielli, 2002, p. 250). A escolha teórica pelo fantástico também se justifica porque a escrita do insólito foi uma das vias de escape escolhida pelos escritores para relatar os horrores da ditadura no cotidiano das personagens. Desse modo, cabe investigar os recursos e as técnicas de construção do fantástico nas narrativas, a fim de compreender as metáforas e alegorias usadas para estabelecer a crítica ao regime militar. Desde o seu surgimento, a literatura fantástica já apresentava uma característica que a marcaria ao longo dos séculos, a saber, seu caráter subversivo porque já nasce como questionamento da ordem racional socialmente instituída. Além disso, a subversão se manifesta ainda no plano temático, ao abordar assuntos considerados tabus para determinadas sociedades, e no plano linguístico, ao se lançar na escritura do desconhecido e do inexplicável. Foi, pois, o caráter subversivo e transgressor do fantástico que possibilitou a denúncia da realidade social no contexto de censura e repressão a que a literatura foi submetida. Essa prática literária, que alia o fantástico à denúncia social, configura uma escrita de resistência. Em artigo intitulado “Narrativa e Resistência”, Bosi (1996) afirma que a resistência na literatura se apresenta como tema e/ou como processo imanente à escrita. Não seria a tensão crítica, verificada na escrita de resistência, uma característica inerente à produção ficcional dos escritores selecionados neste projeto? De um modo geral, as constatações de estudiosos no assunto e os resultados de nossas pesquisas sobre o conto fantástico autoriza-nos a dizer que é de fundamental importância o trabalho de dar visibilidade à produção do conto fantástico no Brasil, relegado ao esquecimento em face da notoriedade da literatura realista. Assim, consideramos lícita a oferta de atividades que tenham como foco o prestígio desse modo ficcional. Por que narrativas fantásticas escritas no contexto da ditadura militar brasileira (1964-1985)? O período em que a ditadura militar vigorou no Brasil (1964-1985) impactou profundamente o campo da intelectualidade e da produção artística. A sequência de Atos Institucionais editados pelo governo militar minou, progressivamente, a liberdade de expressão. Segundo Reimão (2014), durante os 21 anos em que o regime exerceu seu poder, 140 livros de escritores brasileiros foram vetados e tiveram sua publicação proibida. A censura imposta às artes foi uma tentativa do Estado Militar de calar vozes dissidentes ao regime em curso, através do controle sobre a publicação e a circulação de livros. Os meios violentos empregados para atingir essa finalidade resultaram, em última instância, numa fuga em massa de escritores para outros países, em busca de exílio político. Em seu artigo “Nós, que amávamos tanto a literatura”, Ivan Ângelo, ao se perguntar sobre o que um escritor deve escrever, faz a seguinte constatação: “A pergunta há de parecer absurda para quem não viveu sob uma ditadura, sob um sistema de governo fechado, cruel e corrupto. Um escritor escreve sobre o que quiser, ponto. Mas nem sempre é assim” (Ângelo, 1994, p. 69). No Brasil governado pelos militares, a vigilância sobre a produção artística se efetivava através da criação e manutenção de organismos institucionais com a finalidade imediata de controlar o que era publicado e divulgado. Como sabemos, um regime autoritário pode interferir na produção literária de diversas maneiras. Segundo Ivan Ângelo (1994, p. 69, grifo do autor), há os regimes que “[...] procuram dizer aos escritores sobre o que eles devem escrever”, enquanto outros “[...] preferem dizer aos escritores sobre o que eles não devem escrever”. No Brasil, a interferência do regime militar na produção

literária se deu pela segunda via, o que motivou a censura de incontáveis obras literárias e de outros produtos da cultura. Os escritores cujas obras serão abordadas neste projeto vivenciaram esse período dominado por diversos tipos de violência de uma maneira muito particular. Como escritores engajados e comprometidos com os problemas de seu tempo, defendiam que o papel do autor era lançar luz sobre a realidade do mundo. Em um contexto de censura institucionalizada, que limitava as possibilidades de expressão, esses escritores acreditavam no papel transformador da arte. Sua resistência por meio de uma literatura engajada, mesmo em meio às adversidades do contexto, é a prova mais cabal dessa postura. O instrumento de luta do escritor é a palavra e o que o move é sua resiliência. É nesse contexto de cerceamento da liberdade de expressão que o fantástico, modalidade literária já amplamente praticada fora do Brasil, assume uma configuração bastante particular no cenário das letras nacionais. Como as críticas diretas ao regime militar esbarravam nos órgãos estatais responsáveis pela censura, a vereda do fantástico foi a via utilizada para contar os horrores desse período. Dessa forma, a partir de um discurso avesso à realidade imediata, em que abundavam o absurdo e o insólito, os escritores conseguiram, de certa forma, driblar o forte controle do Estado e denunciar, de maneira indireta, através de metáforas e alegorias, as mazelas e as injustiças de um estado de exceção. É por isso que tais produções não são alienadas em relação ao contexto social amplo, assumindo uma dimensão crítica que revela um comprometimento dos escritores com a realidade social. Lidar com textos literários que remetem ao contexto sombrio que a ditadura militar implantou no Brasil é uma forma de denunciar os desmandos de um período triste da história do país. Essa tarefa se torna ainda mais importante quando se evidenciam constantes ataques à democracia no contexto atual, através da apologia a regimes autoritários e da prática da violência institucional. Segundo Olivieri-Godet e Garcia (2020, p. 1), “o campo literário participa desse trabalho de questionamento e revisão histórica, denunciando a herança da violência no cotidiano, contribuindo, dessa maneira, para transformar o cenário simbólico”. Ademais, como assinala Gagnebin (2006, p. 55), “a rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente”. Desse modo, esse olhar sobre o passado também traz a possibilidade de transformação do presente, pois a consciência dos horrores do passado deve estar sempre viva para que a sociedade, através de uma autocrítica, não incorra nos mesmos erros. Por que o gênero conto? A leitura de contos ainda não despertou o reconhecimento merecido como matéria de fruição e de crescimento pessoal e intelectual. Frente a isso, destacamos duas questões ligadas ao gênero que podem ser as razões da pouca adesão ao trabalho com esse tipo de narrativa. Primeiro, sobre a própria natureza do que é um conto. Muito já se escreveu sobre as diferenças e fronteiras entre os gêneros narrativos, mas persiste uma querela em torno do assunto. Mário de Andrade, por exemplo, ao ser indagado sobre o que é conto, polemiza: “sempre será tudo aquilo que seu autor batizar com o nome de conto”. Segundo, porque o conto é considerado um gênero difícil. Machado de Assis, reconhecido como precursor do gênero no Brasil, em seu “Instinto de Nacionalidade” assim declarou: “é gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhes dando, penso eu, o público, toda a atenção de que ele é muitas vezes credor.” Supomos que esses dois aspectos sejam alguns, entre muitos, que justificam a predileção por outros gêneros, literários ou não, em espaços de aprendizagem. Assim, por desconhecimento ou por omissão, a leitura de contos segue no banco à espera de maiores investidas em torno da competência de ler. Não podemos desconsiderar o fato de que, para que o uso do conto em sala de aula seja eficaz, é necessário que a mediação da leitura seja eficiente. O fazer docente, portanto, deve estar alicerçado em competências leitoras que envolvam conhecimentos de um repertório de obras literárias significativas e conceitos teóricos norteadores da abordagem de narrativas. Tal iniciativa, distanciada da prática que prestigia a teoria em detrimento do prazer de ler, elege a leitura da obra literária como ponto de partida e de chegada. No entanto, ciente de que a teoria da literatura é um campo epistemológico necessário para o reconhecimento das variadas vertentes do conto moderno, tal como concebemos hoje, a exposição dialogada será um dos procedimentos metodológicos basilares na tentativa de sedimentar uma prática eficiente da leitura literária, necessária no movimento do aprender a aprender. A escolha do gênero se justifica por entendermos que “a arte do gênero não cessa de melhorar em nossa literatura”, como declara Moriconi (2001, p. 14). E, ainda, por entender que o conto, [p]osto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduições do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é o quase-documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa votada às festas da linguagem (Bosi, 2008, p. 7). Nesse sentido, o projeto é mais uma forma de provocar o interesse do público-alvo em conhecer os mestres do conto fantástico no Brasil moderno, situados no cenário atual das letras nacionais. Defendemos a hipótese de que tal projeto se apresenta como uma ferramenta necessária para a disseminação da literatura. Desse modo, a brevidade do relato, o trato dedicado à linguagem e à poesia colocam o conto literário como o ideal para uma discussão adequada às atividades propostas neste projeto. **Resumo:** O projeto denominado “O conto fantástico durante a ditadura militar brasileira: uma escrita de resistência” constitui-se como atividade de extensão que pretende proporcionar ao participante uma visão sumária do estatuto do conto fantástico brasileiro no contexto da ditadura militar brasileira (1964-1985), através de uma seleção de obras/escritores significativos na historiografia desse modo ficcional. Nesta linha de pensamento, escritores reconhecidos como mestres do conto brasileiro ocuparão o palco das rodas de leituras, oficinas e formações pretendidas para o desenvolvimento deste projeto. O objetivo é oferecer uma amostra de contos marcados pelo entrecruzamento do real e do irreal que, através de metáforas e alegorias, remetem ao contexto da ditadura militar no Brasil. Serão prestigiados relatos que, ao fazerem uso do discurso fantástico como forma de denunciar a realidade social daquele período, configuram o que Bosi (1996) define como uma escrita de resistência. Esse projeto de extensão configura-se, pois, como difusão e introdução ao assunto, uma vez que se propõe a apresentar um manancial de narrativas insólitas, além de verticalizar a noção de fantástico entre o público-alvo. Para além disso, propõe-se a espelhar o fazer docente no exercício da mediação da leitura, com vista a desenvolver a consciência crítica e política por meio da literatura. **Palavras-Chave:** Literatura, Leitura, Fantástico, Ditadura, Contos. **Metodologia:** Esse projeto assume o desafio de desenvolver competências em torno da leitura crítica a partir da leitura de contos de seis autores brasileiros que utilizaram o fantástico como artifício estético para driblar a censura imposta pelo regime militar. Os autores selecionados são: Murilo Rubião, com os contos “Botão-de-Rosa”, “O edifício” e “A cidade”; José J. Veiga, com os contos “A máquina extraviada” e “O galo impertinente”; Ignácio de Loyola Brandão, com os contos “O homem do furo na mão”, “O homem que viu o lagarto comer seu filho”, “Os homens que descobriam cadeiras proibidas” e “O homem que procurava a máquina”; Lygia Fagundes Telles, com os contos “Seminário dos ratos” e “Potyra”; Caio Fernando Abreu, com os contos “Eles”, “O ovo”, “Os cavalos brancos de Napoleão”; e, por fim, Moacyr Scliar, com os contos “A vaca” e “Cão”. O critério que norteou a

escolha dos contos foi o fato de serem narrativas escritas ou reescritas durante o período da ditadura militar brasileira e que fazem uso do fantástico para escapar da censura. Como o projeto será desenvolvido ao longo de dois semestres (2026.1 e 2026.2), há a possibilidade de inclusão de outros autores e/ou contos a esta pré-seleção, a depender das necessidades de adequação verificadas ao longo da execução do projeto. Este projeto de extensão busca englobar tanto atividades de leitura literária, por meio de rodas de leitura, quanto atividades formativas voltadas para o trabalho com a leitura do conto fantástico. Desse modo, o projeto pretende desenvolver as seguintes ações: (1) rodas de leitura, buscando promover o gosto pela leitura literária; (2) formações para agentes multiplicadores, especialmente professores da educação básica, que envolvam conhecimentos teóricos-metodológicos concernentes ao gênero conto, à literatura fantástica e à leitura literária; (3) oficinas, demonstrando como os contos fantásticos podem ser trabalhados em sala de aula da educação básica; (4) socialização das ações do projeto, por meio da divulgação científica e/ou seminários. Os contos pré-selecionados serão trabalhados nessas atividades propostas ao longo deste projeto (rodas de leitura, formações, oficinas e seminários). As atividades do projeto poderão ser desenvolvidas em formato on-line, por meio da plataforma Google Meet, ou presencialmente, no Campus Avançado de Pau dos Ferros. As rodas de leitura serão realizadas preferencialmente pelo Meet, enquanto as demais atividades podem alternar entre o presencial e o remoto, a partir da análise de cada situação, sempre buscando oportunizar uma maior participação e engajamento do público interno e externo à UERN. As inscrições nas atividades serão feitas por formulário on-line (Google Forms) e sua divulgação será feita principalmente pelas mídias sociais e pelo site do departamento vinculado ao portal da UERN. Em linhas gerais, vale repetir que a tônica do projeto é impulsionar a leitura de contos fantásticos; ler pela fruição que a obra literária propicia é ponto de partida e ponto de chegada da abordagem pretendida. Sob tal linha de pensamento, esperamos oportunizar aos participantes a troca de suas impressões do texto, estimulando-o a encontrar na Literatura uma fonte de lazer e o que nela está contido de conhecimento e de informação. Objetivamos, ainda, que o aluno reconheça as peculiaridades do gênero conto, sendo capaz de identificar as fronteiras entre as formas narrativas e os traços característicos da literatura fantástica, apreendendo relações entre o real e o irreal, entre o estético e o ideológico. As atividades formativas, propostas neste projeto, visam multiplicar, em espaços escolares e não-escolares, a prática da leitura literária, ao fornecer bases teóricas e metodológicas sobre o conto fantástico, bem como propostas de aplicação.

Referências:

ABREU, C. F. Contos Completos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. ANDRADE, M. M.; HENRIQUES, A. Língua portuguesa: noções básicas para cursos superiores. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999. ÂNGELO, I. Nós, que amávamos tanto a literatura. In: SCHWARTS, J.; SOSNOWSKI, S. (org.). Brasil: o trânsito da memória. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 69-73. ARISTÓTELES. Poética. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. BOSI, A. Narrativa e Resistência. Itinerários, Araraquara, n. 10, p.11-27, 1996. Disponível em: <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/2577/2207>. Acesso em: 9 fev. 2021. BOSI, A. (org.). O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 2008. BRANDÃO, I. de L. Cadeiras proibidas. São Paulo: Global, 2010. CALVINO, I. Introdução. In: CALVINO, I. (org.). Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 6-14. CANDIDO, A. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 17-39. CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. Ciência e Cultura, v.9, n. 24, p. 803-809, 1972. CANDIDO, A. O direito à literatura. In: Vários escritos. 4.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. p.169-191. CORTÁZAR, J. Valise de cronópio. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 175-180. ECO, U. Lector in fabula. Tradução de Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2012. FRANÇA, J. (Org). Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920). Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. GABRIELLI, M. G. O lugar do fantástico na literatura brasileira. Revista Itinerários, Araraquara-SP, v. 19, p. 25-33, 2002. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2652>. GAGNEBIN, J. M. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006. MORICONI, I. (Org.). Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. OLIVIERI-GODET, R.; GARCIA, M. Apresentação: literatura e ditadura. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S.L.], n. 60, p. 1-5, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018600>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n60/2316-4018-elbc-60-e600.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2021. REIMAO, S. "Proíbo a publicação e circulação..." - censura a livros na ditadura militar. Estud. av., São Paulo, v. 28, n. 80, p. 75-90, abr. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000100008> Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 6 abr. 2021. ROAS, D. A ameaça do fantástico: aproximações teóricas. São Paulo: Editora Unesp, 2014. ROAS, D. Tras los límites de lo real: una definición de lo fantástico. Madrid: Páginas de Espuma, 2011. ROAS, D. La amenaza de lo fantástico. In: ROAS, D. (org.). Teorías de lo fantástico. Madrid: Arco/Libros, 2001. p. 7-44. RUBIÃO, Murilo. Obra completa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. SARTRE, J.-P. Situações, I. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p.135-149. SCLIAIR, M. O carnaval dos animais. São Paulo: Ediouro, 2002. TELLES, L. F. Os Contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. TODOROV, T. Introdução à literatura fantástica. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. VEIGA, J. J. Melhores contos de J. J. Veiga. 4ª ed. São Paulo: Global, 2000.

Membros da Equipe

Nome	Categoria	Função	Departamento	Situação	Início	Fim
FRANCISCO EDSON GONÇALVES LEITE	DOCENTE	COORDENADOR(A)	CAPF-DLE	Ativo Permanente	04/02/2026	19/12/2026
ANTONIA MARLY MOURA DA SILVA	DOCENTE	COORDENADOR(A) ADJUNTO(A)	FALA-DLV	Ativo Permanente	04/02/2026	19/12/2026
CONCÍLIA LOPES DOS SANTOS	DOCENTE	COLABORADOR(A)	CAPF-DLE	Ativo Permanente	04/02/2026	19/12/2026
EDUARDO GONCALVES DE CARVALHO	DISCENTE	MONITOR(A)			04/02/2026	19/12/2026
LUIS FELIPE DA SILVA SANTANA	DISCENTE	MONITOR(A)			04/02/2026	19/12/2026
PEDRO HENRIQUE DE MESQUITA ALVES	DISCENTE	MONITOR(A)			04/02/2026	19/12/2026

Discentes com Planos de Trabalho				
Nome	Vínculo	Situação	Início	Fim
Discentes não informados				
Ações das quais o PROJETO faz parte				
Código - Título				Tipo
Esta ação não faz parte de outros projetos ou programas de extensão				
Arquivos				
Descrição Arquivo				
ATA DE REUNIÃO (ATA Nº 007/2025– DLE/CAPF)				
AD REFERENDUM Nº 006/2025 – DLE/CAPF/UERN				
CERTIDÃO				
Lista de departamentos envolvidos na autorização da proposta				
Autorização		Data Análise	Autorizado	
CAPF - DLE - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS		01/09/2025 21:36:19	SIM	
FALA - DLV - DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS		02/09/2025 08:24:46	SIM	
FALA - DLV - DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS			NÃO ANALISADO	
CAPF - DLE - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS		03/09/2025 17:11:37	SIM	
SIGAA Superintendência de Tecnologia da Informação - STI/UERN - (84) 3315-2222 Copyright © 2006-2025 - UFRN - app01-uern.info.ufrn.br.app01-uern				